SERMONES DEL PADRE JUAN CARLOS CERIANI

Radio Cristiandad

RÁDIO CRISTIANDAD - A Voz da Tradição Católica
Pe. Ceriani: Sermão para o Terceiro Domingo da Quaresma
Publicado no sábado, 7 de março de 2026 por P. VerboVen

TERCEIRO DOMINGO DA QUARESMA

Naquele tempo, Jesus estava expulsando um demônio, e o homem era mudo. Quando o demônio saiu, o mudo falou, e as multidões ficaram admiradas. Mas alguns deles diziam: “Ele expulsa demônios por Belzebu, o príncipe dos demônios”. Outros, para pô-lo à prova, pediram-lhe um sinal do céu. Mas ele, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: “Todo reino dividido contra si mesmo está arruinado, e uma casa dividida contra si mesma cai. Se Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois vocês dizem que eu expulso demônios por Belzebu. Se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam os seus seguidores? Eles mesmos serão os seus juízes. Mas, se eu expulso demônios pelo dedo de Deus, então o Reino de Deus chegou até vocês. Quando um homem forte, bem armado, guarda a sua casa, os seus bens estão seguros. Mas, quando alguém mais forte o ataca e o vence, tira-lhe a armadura em que confiava e divide os seus despojos. Quem não está comigo está contra mim; e quem comigo não ajunta espalha. Quando um espírito impuro sai de um homem, anda por lugares áridos, procurando repouso; e, não o encontrando, diz: ‘Voltarei para a minha casa, de onde vim’”. Ao chegar, encontrou o local limpo e arrumado. Então, levou consigo outros sete espíritos piores do que ele; entraram e criaram raízes ali, e o estado final daquele homem ficou pior do que o primeiro. Enquanto ele dizia isso, uma mulher no meio da multidão exclamou: “Bem-aventurado o ventre que te gerou e os seios que te amamentaram!” Ele respondeu: “Bem-aventurados, antes, aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam!”

Estamos no terceiro domingo da Quaresma. Tendo refletido sobre a Paixão de Nosso Senhor em geral nos últimos domingos, voltamo-nos agora para a contemplação de vários aspectos dela em particular. Começamos com a profunda tristeza de Jesus Cristo no Jardim das Oliveiras.

Assim que entrou no Jardim do Getsêmani, Jesus Cristo foi tomado pelo medo e pelo pavor, dominado pela tristeza e pelo cansaço.

Ao entregar sua alma ao tormento, Ele não espera que seus inimigos venham atormentá-Lo em seu corpo; seu amor se apressa em impedir a malícia deles, e a natureza perfeita de um Deus-Homem foi necessária para que Ele produzisse em seus próprios sentidos impressões tão vívidas e tão superiores às nossas.

Sujeito às fraquezas naturais do homem desde o primeiro momento de sua Encarnação, Ele agora deseja suportar, até o ponto de sofrer, em sua natureza humana tudo o que é fraqueza humana, como o medo, a angústia, a preocupação, a perturbação e a agitação.

Que excesso e que maravilha!, que um Deus tenha escolhido humilhar-se e submeter-se a todas essas misérias de nossa humanidade para nos elevar a Ele.

E como expressar tudo o que uma paixão tão extraordinária O faz sofrer?

Contemplemos nosso Senhor, fraco, pálido e trêmulo.

Um desânimo mortal O faz suspirar e gemer; uma opressão no peito, causada pela ansiedade, Tira-lhe o fôlego; Em vão ele tenta exalar a amargura de sua tristeza…; reunida, concentrada dentro dele, ela flui de volta para o seu coração como se para sufocá-lo.

Assim se cumpriu a profecia que predisse que a alma do Salvador seria submersa em um mar profundo, agitada e submersa pelo fluxo e refluxo de suas paixões como por uma violenta tempestade, e submersa por todos os males.

É por nós que o Salvador se entrega à tristeza; ele quer conquistar a alegria eterna para nós. Ele se entristece apenas para nos consolar! Quanta compaixão lhe devemos!

+++

Consideremos cuidadosamente sua profunda tristeza; ela se reflete nas feições de seu rosto e em cada movimento de seu corpo.

Devemos nos esforçar para que nossas paixões sirvam à nossa salvação; não poderíamos fazer melhor uso delas. Visto que Jesus Cristo usa apenas seus próprios sofrimentos para suportá-los por nós, é justo que mortifiquemos os nossos por amor a ele.

Mas como podemos nos compadecer dignamente de suas dores interiores se não as compreendemos? Peçamos a ele que dissipe as trevas de nosso entendimento, para que sua luz divina ilumine nossas mentes…

Para compreender a Paixão interior de Jesus Cristo, devemos considerar a interação de duas vontades em sua alma aflita: uma divina, que preside e comanda; a outra humana, que se submete e obedece.

A vontade humana abomina o sofrimento, a vontade divina o aceita; o espírito triunfa, e a razão humana, subordinada à divina, subjuga a carne e os sentidos.

Mas essa submissão, por mais perfeita que seja, em nada diminui a repugnância da natureza; daí essa tristeza, esse medo, essas angústias, essas agitações, essas ansiedades, essas lutas e tantas outras dores interiores, que não excedem a força da humanidade, contanto que a Divindade as permita para tornar a Paixão do Salvador mais dolorosa e nossa redenção mais abundante.

Este divino Redentor sabe que seus sofrimentos e sua morte foram determinados, fixados nos decretos eternos para a salvação da humanidade. Chegou o momento de

suportar este decreto irrevogável; Antes de deixar o jardim, ele deseja impor a si mesmo este preceito eterno, para torná-lo aceitável à carne e aos sentidos.

Seu Pai divino aparece a ele apenas na imagem aterradora de um juiz indignado com os pecados da humanidade; a espada da justiça inexorável reluz diante de seus olhos e parece erguer-se apenas para atingi-lo com a força de um relâmpago.

À beira de ser esmagada pelo braço do Todo-Poderoso, a natureza humana, abandonada à sua fraqueza, reduzida aos seus próprios recursos e entregue aos seus instintos, aterroriza-se e sucumbe à fraqueza; um suor mortal cobre o corpo de Jesus, e a palidez lívida que cobre seu rosto revela toda a extensão de seu sofrimento.

Cabe a ele encontrar alegria em seus sofrimentos e em sua morte, que ele desejou com extremo fervor; mas ele deseja suportar por nós tudo o que a humanidade é capaz de sofrer.

Embora Ele possa manter Seus sofrimentos em segredo, Ele os revela a nós por meio de sinais externos e deseja que Seus Evangelistas os relatem para nossa edificação.

Quando enfrentarmos dificuldades na prática da virtude, lembremo-nos de que é muito mais meritório quando, seguindo o exemplo de Cristo, sabemos como vencer, com a ajuda do Espírito Santo, a repugnância de nossa natureza.

+++

Em seu fervoroso desejo de entregar-se por amor a nós, mesmo diante da mais amarga aflição, Jesus Cristo apresenta à sua mente apenas os objetos de sofrimento mais propensos a perturbá-lo e até mesmo destruí-lo.

Ele relembra em sua imaginação a série de ignomínias e dores que sofrerá durante a Paixão; vê tudo, não de forma geral e confusa, mas com tamanha clareza e precisão que é preciso a virtude de um Deus-Homem para não se comover com isso.

Ele vê quanto desprezo e insulto sofrerá em breve neste jardim; sabe quantos golpes lhe serão desferidos no rosto, quantos açoites lhe rasgarão o corpo, quantos espinhos lhe perfurarão a cabeça adorável, as feridas que o cobrirão, o sangue que derramará, suas dores interiores e o tipo de morte que sofrerá…; nada lhe escapa…

Ele imprime todas essas imagens dolorosas profundamente em seu Coração, e elas o lembram a cada instante de todas as dores de sua Paixão.

Seu amor não lhe permite esperar por seus inimigos; Ele frustra a malícia de seus planos com sua bondade e, por meio de um sacrifício oculto ao conhecimento humano, oferece-se incessantemente a seu Pai divino para ser nossa vítima e nossa reconciliação.

Evoquemos em nossas mentes as imagens mais terríveis, aquelas mais capazes de perturbar, entristecer e aterrorizar toda a humanidade: tudo isso não é nada comparado aos sofrimentos de Jesus Cristo. Ele mesmo declara, por meio de seu Profeta, que jamais houve dor comparável à sua.

+++

Jesus Cristo sofre em todas as faculdades de sua alma, assim como em todas as partes de seu corpo.

Dominado e atormentado em sua santa humanidade, Ele não poupa as faculdades superiores de sua alma, que residem no intelecto, de sofrerem mais do que as faculdades inferiores ou sensíveis.

Infinitamente feliz em sua compreensão através da visão beatífica, Ele encontra o segredo inefável de unir, em seu próprio ser, uma alegria soberana com imensa dor.

Ele se entristece pelos pecados do mundo; Ele os vê a todos; Ele os contempla com horror; são uma abominação para Ele. Não que Ele não tivesse plena consciência deles ao longo de Sua vida, mas é especialmente no Jardim do Getsêmani que Ele se dedica a sondar a extensão de Sua maldade e a contemplar sua imensa feiura.

Como salvador da humanidade, Ele não se contentou em assumir a semelhança de um único indivíduo, mas tornou-se semelhante a todas as pessoas em geral. Seu profeta O viu nesse estado, afundado e como que se sepultado no abismo lamacento e profundo de toda a miséria humana.

É ali que este divino Redentor representa para Si todos os pecados do mundo; é neste jardim, onde a justiça divina O fere e atormenta, que Ele vê e considera todas as iniquidades cometidas desde Adão até nós, e todas aquelas que ainda serão cometidas até o grande dia do juízo, aquele dia terrível…

Ele vê todas essas iniquidades; elas se apresentam à Sua mente, não de forma confusa como as vemos, mas de maneira muito distinta, com seu número, sua natureza, suas circunstâncias e todos os seus diferentes graus de malícia. Ele as vê tão claramente como se todos os pecadores estivessem com Ele naquele jardim e tivessem pecado diante de Seus olhos.

É agora que Ele pode verdadeiramente dizer, por meio de Seus Profetas, que as torrentes de nossas iniquidades devastaram Sua alma, e que Sua dor é como um vasto mar que reúne todos os rios em seu seio.

Todos os pecados que cometemos desde o primeiro uso da nossa razão foram atribuídos à Sua mente aflita…; nossos pensamentos, nossas palavras e nossos atos, secretos ou públicos, nos acusavam em Sua presença… Ele conhecia seu número e sua malícia; E, apesar de tamanha deformidade monstruosa, Ele nos viu sem o devido arrependimento... sem o temor apropriado...

Ele, ao contrário, ficou tão aterrorizado por um estado tão terrível, tão horrível, que se entregou a uma tristeza sem limites, e sua alma pareceu envolta em todas as dores da morte.

Deve ser que o pecado seja um grande mal, pois o mero pensamento dele afligiu sua mente a ponto de fazê-lo esquecer suas consolações e sua glória...

Peçamos a Ele que se digne a devolver aos nossos corações parte da tristeza com que o afligimos, para que, tendo tido o infortúnio de afligi-lo com nossas ofensas, possamos ter a alegria de agradá-lo e consolá-lo com nosso arrependimento.

+++

Jesus Cristo se entristeceu com os pecados do mundo; mas entristeceu-se muito mais amargamente com os pecados de seu povo, aquela nação que Ele considerava com favor, amava com ternura e da qual Ele se declarou, com especial predileção, Deus e Salvador. Quão grande deve ter sido Sua tristeza e a confusão de Seus pensamentos ao ver esse mesmo povo conspirando contra Ele, reunido para destruí-Lo, respondendo à Sua misericórdia apenas com ingratidão, aos Seus favores apenas com crimes!

Em meio a essa multidão, a cruz preparada para Ele já se ergue; Ele se vê unido a ela como um escândalo e uma desgraça para a Sua nação, Ele que veio do Céu à Terra apenas para ser a sua salvação e a sua glória.

Não há dúvida de que o crime do Seu povo Lhe parece a mais horrenda das atrocidades e O entristece mais do que todas as outras juntas.

Mas se refletirmos sobre nós mesmos e sobre o nosso direito, como cristãos, de dizer a Jesus Cristo que somos verdadeiramente o seu povo, este povo amado que ele comprou com o seu Sangue… ah! É então que descobrimos toda a enormidade das nossas ofensas e quando podemos compreender o quanto o Salvador deve ter se entristecido com a nossa ingratidão.

O pecado do cristão que professa seguir a religião do verdadeiro Deus é muito maior do que o do incrédulo; a santa unção recebida no Batismo, a graça dos Sacramentos, a fé nos mistérios — tudo contribui para torná-lo mais culpável; e a sua iniquidade é agravada pela própria obrigação que ele tem de se esforçar pela santidade.

É, portanto, muito certo, ó doce Salvador, que a perfídia dos judeus te pareceu menos monstruosa, te afligiu menos do que a nossa ingratidão…

+++

Seria inútil meditar sobre a Paixão de Jesus Cristo se não nos esforçássemos para penetrar os afetos do Seu Coração e descobrir ali os mistérios do Seu amor e a pureza dos motivos que O animaram nos Seus sofrimentos.

É no Seu Coração, o verdadeiro santuário da divindade, que devemos aprender a regular o nosso próprio, a estabelecer o Reino de Deus pela prática das virtudes das quais Ele nos deu o exemplo e, sobretudo, afastando-nos do pecado, um mal tão grande em si mesmo que teria sido irreparável para sempre se Jesus não se tivesse tornado nosso fiador e satisfeito a justiça divina.

Entende-se por fiador qualquer mediador que se compromete a responder pelas dívidas de outrem e concorda voluntariamente em pagar em caso de incumprimento por parte do devedor; Quando o devedor se torna insolvente, o fiador deve intervir, pelo próprio fato de ter garantido a dívida.

Tais eram as nossas obrigações para com Deus: devedores da Sua justiça, éramos merecedores da morte, e de uma morte eterna, porque os nossos pecados, tendo ofendido a Majestade infinita, são a fonte de uma dívida infinita.

Visto que somos incapazes, mesmo com a ajuda de todas as criaturas, de pagar esta imensa dívida, o que faz o Filho de Deus? Movido pela Sua caridade, tocado pela nossa miséria e angústia, Ele se faz homem; e, como Deus-Homem, oferece-Se ao Seu Pai eterno como nosso fiador; Ele assume a nossa dívida e é obrigado a pagá-la.

É neste sentido que devemos considerar Jesus Cristo no Jardim do Getsêmani: Ele tomou sobre Si os nossos pecados, isto é, as nossas dívidas; sem precisar de nós, tornou-se o nosso fiador, unicamente porque nós precisávamos d'Ele, e essa necessidade era extrema.

Como fiador, Ele prometeu cumprir todas as nossas obrigações e aplacar a ira de Seu Pai, que estava justamente irado conosco.

Mas, sob o peso de nossas iniquidades, Sua alma inocente sente horror, repulsa e tristeza mortais; e essas dores, de valor infinito, Ele oferece para apagar a sentença de morte registrada nos livros da justiça divina.

Se um devedor estivesse tão sobrecarregado de dívidas que nem mesmo toda a renda dos príncipes e soberanos do universo pudesse quitá-las, essas dívidas nos pareceriam fabulosas... Quanto mais enorme, então, deve ser a dívida que contraímos por um único pecado mortal, visto que todos os méritos de todas as criaturas na Terra e no

Céu não poderiam pagar nem a menor parte, e que, para satisfazê-la dignamente, nada menos que o sofrimento excessivo e a morte de um Deus-Homem é necessário!

Essa reflexão deve nos manter humildes e nos fazer pensar, para que nos vejamos como pobres, endividados e insolventes...

Estaríamos completamente perdidos se Jesus Cristo não tivesse intercedido por nós; nossa salvação lhe custou a vida.

+++

Tendo dado Jesus Cristo como nosso fiador, isso não nos exime de cooperar em seus méritos; nós, como devedores principais, devemos satisfazer a justiça divina por meio de sincera penitência.

Mas quantas vezes, como os Apóstolos, sucumbimos ao cansaço e adormecemos! De fato, Jesus Cristo, dominado por uma tristeza veemente e insuportável que perturbava sua mente e seus sentidos, e privado da unção celestial que era sua alegria, buscou em vão em seus Apóstolos as consolações que o Céu lhe negava. Ele se aproximou deles como seus confidentes mais queridos.

O Deus de toda consolação sucumbiu à tristeza e pediu consolo. Aquele cujo olhar dissipava as aflições com sua majestosa serenidade, este Deus-Homem, que cativava os corações com seu encanto divino, é forçado a implorar a ajuda de três pobres pecadores…

Quando este Salvador amoroso se humilhou no Cenáculo para lavar os pés de seus Apóstolos, este ato de virtude, longe de comprometer sua dignidade, aumentou a admiração deles; pois então ele se apresentou a eles como seu Senhor, falou com eles como um Mestre que inspira respeito e obediência.

Mas no jardim, ele se humilha diante de seus três Apóstolos a ponto de confessar sua própria fraqueza, a ponto de implorar sua ajuda, como se não tivesse força de espírito nem magnanimidade de alma para superar seus sofrimentos.

Em tal humilhação, revelam-se a fraqueza e o abatimento de uma alma comum; nada mais se vê nele do que um homem comum e desprezível, despojado de toda aparência de divindade.

Seus Apóstolos, imóveis e vencidos pelo sono, já não ouvem a voz de seu Mestre; Aquela voz poderosa, que ressuscitava os mortos de seus túmulos, já não alcançava seus sentidos entorpecidos. De tempos em tempos, eles erguiam as pálpebras pesadas, que imediatamente se fechavam novamente.

O divino Mestre, encontrando seus Apóstolos adormecidos apesar de sua instrução explícita para vigiarem e orarem, dirige-se a Pedro em particular e o repreende por não ter se esforçado o suficiente para vigiar com ele por uma hora.

É notável que este Apóstolo, não muito tempo antes, ousara dizer ao Salvador que, mesmo que todos os outros o abandonassem, sentia-se corajoso o bastante para acompanhá-lo sozinho até as prisões e segui-lo até a morte.

Por essa razão, Jesus Cristo o conduziu ao Jardim do Getsêmani, para lhe ensinar que quem promete muito, confiando em sua própria força, se expõe a uma dolorosa experiência de sua fraqueza. Portanto, ele o humilha e demonstra, por meio de sua covardia, a audácia de sua presunção.

O Apóstolo não respondeu à repreensão; E Jesus retirou-se sem encontrar neles o menor sentimento de compaixão, sem que sequer pensassem em consolá-lo ou em responder-lhe com uma só palavra…

Se Deus quiser, no próximo domingo continuaremos com esta contemplação, considerando especialmente a oração de Jesus e o seu suor de sangue.